

APOCALIPSE 10,10-11

O ESPÍRITO DA PROFECIA

É O TESTEMUNHO

DE JESUS*

JOANA D'ARC DE SOUZA**

Resumo: propõe-se neste artigo trabalhar a profecia no livro do Apocalipse, utilizando métodos interpretativos em suas análises textuais. Investiga-se a perícopos Ap 10,10-11 para mostrar que o livro quer transmitir uma mensagem. É preciso profetizar e anunciar o Evangelho a todos, continuar o testemunho dado por Jesus, mesmo em tempo de perseguição. Todo cristão deve profetizar, sempre! Quando isso acontece, a memória questionadora manifesta-se na sociedade, podendo o profeta ser perseguido, torturado e morto.

Palavras-chave: Perseguição. Martírio. Profecia. Testemunho.

O livro do Apocalipse deve ser compreendido a partir da história da Igreja Primitiva sob o prisma da perseguição por parte do Império Romano e a ruptura definitiva com o judaísmo. Procuraremos entender o conflito, as causas das perseguições, a profecia, a resistência dos cristãos e a teologia elaborada por eles para responder aos problemas concretos levantados pelos acontecimentos. Veremos que os cristãos souberam enfrentar corajosamente seus opressores e testemunharam, pelo martírio, o valor de sua fé.

Uma comunidade perseguida por causa da Palavra e que está decidida, apesar da perseguição, a continuar pregando-a com toda coragem. Não se trata da comunidade dos cinco mil fiéis, e sim do encontro de comunidades itinerantes e evangelizadoras, que se reúnem em meio às perseguições (RICHARD, 1999, p. 56).

Com o tempo e experiência, a Igreja foi se organizando para suportar o combate:

* Recebido em: 05.09.2012.

Aprovado em: 29.09.2012.

** Mestre em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Assessora do Centro de Estudos Bíblicos. Teóloga. E-mail: joanaalpino@yahoo.com.br.

a comunidade se estruturou, repartiu as responsabilidades, criou meios de comunicação, enfim, aprendeu a viver “subterraneamente”. O testemunho de uma fé, de uma esperança e de um amor que ultrapassavam o horizonte perceptível da história, que desprezavam mesmo a morte, fez com que apesar de todas as tribulações a Igreja crescesse sempre (LESBAUPIN, 1975, p. 9).

É interessante pontuar que foi um movimento apocalíptico que enfrentou duramente o Império Romano, da mesma forma como as hierarquias que colaboravam com o Império. Os montanistas foram vítimas de muitas perseguições e tiveram muitos martírios¹. Este movimento representa um cristianismo popular, onde se dava uma forte participação à mulher. Da mesma forma, foi uma explosão de profetismo, onde se sente a presença das classes oprimidas (RICHARD, 1996, p. 36).

Este é o contexto social fundamental onde nasce o Apocalipse, sem negar situações de opressão permanente e de perseguições indubitáveis, que se deram da mesma forma. Também hoje, no Terceiro Mundo, a situação de exclusão se torna mais universal e determinante do que a realidade da pobreza, da opressão e da perseguição (RICHARD, 1996, p. 50).

Vemos aqui, segundo Comblin (1986, p.44-5) que nos evangelhos refletem uma certa Igreja cristã, um modo de viver. Os Evangelhos procedem de pessoas que encontram em Jesus o modelo e a inspiração do seu modo de viver. Desse modo, os Evangelhos são livros que mostram que, Jesus era o messias, o que Jesus viveu no concreto da sua vida e serve como norma e regra para os cristãos que o imitam. Pois o que regula a vida dos cristãos não é a pura fé em Cristo Messias e Filho de Deus. Essa fé precisa de um conteúdo prático e concreto. A fé cristã não é simplesmente fato subjetivo. Não é sentimento. Ela é imitação concreta da vida de Jesus, adoção do modo de viver de Jesus. O cristão não é aquele que diz que tem fé, mas aquele que vive concretamente como Jesus viveu. E Jesus viveu como um profeta.

No Apocalipse, a situação de João mostra que os cristãos, por darem testemunho sofrem perseguição. O próprio João chama-se a si mesmo “irmão e companheiro” dos cristãos, aos quais se dirige, “irmão e companheiro na tribulação, na realza e na perseverança em Jesus”. Quando continua, imediatamente a seguir, dizendo que chegou à ilha de Patmos “por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus” (1,9), pode-se suspeitar que foi exilado para lá por ser cristão. Assim, ele escreve baseado em situação de necessidade e tribulação (WENGST, 1991, p. 175).

Em Ap 6,9, na abertura do quinto selo, João vê “sob o altar as vidas dos que tinham sido mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho que dela tinham prestado”. Segundo ele, Roma move realmente guerra contra todos “os que observam os mandamentos de Deus e mantêm o testemunho de Jesus” (12,17). Roma está “embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus” (17,6). Indo ainda mais longe, ele pode dizer, finalmente, que “o sangue de profetas e santos e de todos os que foram imolados sobre a terra” está colado em Roma (18,24). Aqui, o olhar vai além dos mártires cristãos e abrange as restantes vítimas do domínio assassino de Roma. O Apocalipse documenta uma situação de perseguição, violência e opressão em que comunidades cristãs tinham que fazer experiências de tribulação, que iam até a execução (WENGST, 1991, p. 176).

De acordo com Fernández (2008, p. 114-5), falar das comunidades do Apocalipse como comunidades proféticas, de resistência e martírio é falar de uma realidade social, política, econômica e religiosa adversa em todos os sentidos. As comunidades, ou melhor, os cristãos e cristãs, que se aventuravam pela Ásia Menor enfrentaram vários conflitos, entre

eles, as inúmeras tentativas do império de acabar com a proposta cristã e impor o modelo da “pax romana”.

Nessa situação de sofrimento, João escreve para lhes dar alento e coragem para resistir, permanecer fiéis ao Cordeiro e viver uma espiritualidade capaz de sobreviver à proposta arrogante e totalitária representada pelo império e seus colaboradores.

João convoca as comunidades à perseverança, a suportar a aflição, ainda que não escapem da prisão ou das provações em meio à pobreza. Acrescenta ainda a necessidade de permanecer fiel, de servir ao próximo, de ser vigilante, de ser testemunha fiel e verdadeira. Um aspecto importante na convocatória feita por João é que suas palavras não fazem diferença de raça, sexo ou idade. São palavras genéricas, inclusivas, usadas para alentar as comunidades e todas as pessoas que nelas participam, sejam mulheres, homens, jovens ou idosos.

Ser cristão/ã na província da Ásia Menor, nos primeiros dois séculos da Era Comum, não era fácil não; era uma questão de conversão, firmeza, coragem e uma dose de resistência (FERNÁNDEZ, 2008, p. 114-5).

Lopez (1993, p. 57) observa que não usaram o suficiente em nossa reflexão Apocalipse da Bíblia da América Latina. Salienta, portanto, as contribuições deste livro para a educação política das comunidades cristãs na luta. Apocalipse é um escrito libertador, nascido do conflito que criou as comunidades alternativas cristãs do primeiro século de luta contra as estruturas de dominação e opressão. É válido para o nosso tempo!

Notamos que comunidade, resistência, martírio e profecia são chaves de leitura que percorrem todo o livro do Apocalipse.

COMUNIDADES PROFÉTICAS, DE RESISTÊNCIA E MARTIRIZADAS

Carson (1997, p. 523) alega que o Deus de Apocalipse é um Deus de Majestade e juízo, enquanto que o Deus do evangelho e das epístolas é um Deus de amor. Um contraste semelhante se vê na Cristologia: enquanto o evangelho focaliza Cristo como revelador e redentor, Apocalipse apresenta Cristo como guerreiro vencedor e governante.

Talvez seja por isso, que as comunidades às quais se dirige o livro do Apocalipse caracterizam-se por sua ativa resistência diante do projeto gerador de morte do Império Romano, do qual esperam sua ruína e destruição. Estas comunidades são defensoras de um projeto alternativo, o Reino de Deus, que entra em conflito com o projeto imperial. Estas experiências comunitárias se tornam proféticas, testemunhadoras e defensoras de um estilo de vida fraterno e solidário, que postula um novo tipo de organização social (PALACIO, 2008, p. 119).

Veremos no capítulo 10 do Apocalipse que a conversão tão desejada não aconteceu e a profecia vem para provocar o julgamento de Deus na história. O autor com toda sua coerência mostra que o momento é importante, os cristãos não podem esperar passivamente que chegue o fim; o julgamento e a salvação. Aqui a novidade é esse livrinho, que é o anúncio profético do Evangelho e sua mensagem é universal.

João recebe ordens para comer o livro e profetizar. O acento não está no tamanho do livro, mas no fato de se tratar de um livro aberto. É o livro que contém a revelação do sentido da história: seu conteúdo já é conhecido e já foi interpretado. Do que se trata agora é lê-lo e praticá-lo. Isto se apresenta com a imagem de comer o livro. João recebe a ordem de comer o livro aberto. João não deve apenas ler ou interpretar a revelação de Deus, mas comê-

-la, isto é, interiorizá-la, alimentar-se e saciar-se com ela. Esta revelação ou Palavra é doce na boca, todavia, amarga para as estranhas: nosso primeiro contato com ela produz agrado e entusiasmo, porém, quando a interiorizamos, ela exige de nós que suportemos o sofrimento e perseguições por sua causa. A segunda ordem que João recebe é a de profetizar: tens que profetizar novamente contra muitos povos, nações, línguas e reis. A ordem é apresentada como uma necessidade (RICHARD, 1996, p.154-5).

O anúncio profético recorda os profetas: o Anjo “soltou um forte grito como leão quando ruge” (10,3). A referência ao rugido do leão lembra Amós 3,8. Aí se fez: “Ruge o leão: quem não temerá? Fala Senhor Javé: quem não profetizará” O anúncio profético do Evangelho é a própria voz de Deus. Para sublinhar isso o autor do Apocalipse afirma que “quando ele gritou, os sete trovões ribombaram” (10,3). Ele certamente quis se referir ao Salmo 29, que fala da manifestação de Deus numa tempestade. Neste salmo os trovões são comparados a “voz de Javé”. Portanto, os trovões, são a confirmação de que o anúncio profético é a própria voz de Deus. Ele fala mediante a voz dos profetas seus servos (v. 7) (BORTOLINI, 1994, p. 91).

Anunciar o Evangelho numa sociedade como a do tempo do Apocalipse e como a nossa hoje, não é fácil, é muita amargura.

O Evangelho mexe com os que não querem que as coisas mudem para o bem do povo que sofre. Eles querem um evangelho adocicado que lhes tranquilize a consciência e feche os olhos às injustiças que cometem (BORTOLINI, 1994, p. 92).

A Igreja é apresentada como profética. O que a profecia provoca? É a perseguição, a luta e a morte. No Apocalipse, qual a reação das nações? Elas veem e se alegram, porque os profetas incomodam a sociedade (v. 10), que não gosta de deixar seus ídolos. O resultado do Testemunho profético é a intervenção de Deus (v. 11). É pelo testemunho dos cristãos que Deus age, operando o julgamento que provoca a conversão, os sobreviventes dão glória ao Deus do céu (CORSINI, 1984 p. 204).

A obra do Cristo continua através da Igreja e dos cristãos. É como a vocação de Jeremias (1,10) é caminhar para a morte, ou aceitar com coragem o Deus verdadeiro revelado por Cristo, converter-se e viver. Denunciar, desmascarando a falsa religião, as alianças enganadoras e os abusos do poder (MOSCONI, 2000, p. 35).

Temos, por fim, no centro de tudo está Jesus Cristo com o sacrifício de morte e ressurreição, que é a revelação de tudo, que abre os selos. Ele é o verdadeiro “apocalipse”.

A humanidade será redimida na sua totalidade, “toda tribo e língua, povo e nação”. Esta é a grande obra do Messias. Com sua morte e ressurreição vencerá todas as forças de morte para construir o reino universal. João é encarregado de revelar aos cristãos e às igrejas a sua missão: “Você tem ainda que profetizar contra muitos povos, nações, línguas e reis” (10,11). A eclesiologia do Apocalipse mostra dois aspectos muito importantes: a Igreja é o povo de Deus reunido, mas também tem a ver com as ações e o mundo todo.

Depois de todas estas lutas, guerras, catástrofes, dominações e perseguições, estamos finalmente vislumbrando uma outra realidade: vai chegar o momento da grande vitória (MALAVOTTI, 1997, p. 100-2).

Além disso, João se coloca em sintonia com toda a linha messiânica de Isaías, Jeremias e outros profetas. Para os profetas o reino messiânico se realizaria com o julgamento de Deus, a destruição dos inimigos, a destruição da ordem injusta e a instauração da nova ordem na justiça e paz. Sobretudo Isaías e Jeremias têm esta visão clara do messianismo, com

mudança radical do homem e do mundo, seja no plano espiritual, seja no material. A profecia messiânica não é um projeto político elaborado, mas é certamente um julgamento, uma denúncia da ordem injusta existe, e aponta para mudanças e transformações profundas e radicais. Não se refere apenas à esfera pessoal e espiritual, como também, sem ser um projeto político fechado, se realiza na história e vai além dela (MALAVOTTI, 1997, p. 106).

Aqui, Palacio (2008, p.121-2) afirma que todo povo oprimido sonha com uma ordem social alternativa. O Apocalipse 10,10-11 começa a construí-lo na consciência. Se o oprimido não trabalha em primeiro lugar sua consciência, que é o lugar onde renascem as utopias e se consolidam os processos de resistência, profecia, testemunho e esperança, é certo que todos os seus esforços não renderão os frutos esperados.

O autor ressalta ainda, que os projetos sociais que procuram “sair” de situações de injustiças, saltando o deserto-consciência, estão marcados por fracasso. Os processos de conscientização devem concretizar-se depois na realidade de cada povo, que é onde se desenvolvem as lutas, as estratégias e os planos para construir uma sociedade em paz, com vida, justiça e dignidade.

Torre (*apud* PALACIO, 2008, p. 123) escreveu o fragmento a seguir a respeito de adquirir consciência crítica para decidir-se com convicção e mística pelo projeto de Deus.

O que mais dói às estruturas é saber que há consciências rebeldes que mantêm sua independência, demonstrando assim que o sistema não é onipotente. É por esta razão que todo trabalho que forme consciências críticas e tão pouco querido, e, mais ainda, tão perseguido pelas estruturas sociais reinantes.

Assim chegamos à mesma conclusão de Richard e Irarrázaval (1983, p.14), ao afirmar que a capacidade libertadora da fé do povo está ligada à sua capacidade revolucionária e, o que é mais importante, em determinadas circunstâncias, a capacidade revolucionária das classes exploradas está ligada à sua capacidade evangelizadora.

“Evangelizar” é anunciar o verdadeiro Deus, o Deus revelado em Cristo: o Deus que faz aliança com os oprimidos e defende a causa deles, o Deus que liberta a seu povo da injustiça, da opressão e do pecado. Definida desse modo, a evangelização é uma tarefa extremamente difícil, especialmente num contexto de tanta miséria e exploração. É um enfrentamento terrível de todos os ídolos do sistema de opressão (RICHARD; IRARRÁZAVAL, 1983, p. 49).

O livro do Apocalipse transmite uma ideia da soberania de Deus da qual nenhum outro livro do Novo Testamento chega perto. A visão de Deus em seu trono e da adoração que ele recebe ajudam-nos a olhar além de nossas circunstâncias terrenas, para o Senhor da terra e do céu, e nos lembram de que só Deus é, em última instância, digno de nossa devoção e louvor (CASON, 1997, p. 539).

Podemos sustentar, que, após ter mostrado que o tempo presente é de profecia. Não obstante o apocalipse (10,10-11) deixa transparecer que profetizar é viver o testemunho do Cristo, anunciar e denunciar, morrer e ressuscitar é que, a vinda do Reino realiza-se através do testemunho profético.

Se tratando de ação profética, Ferreira (1992, p. 55) diz que o interno do livro do Apocalipse, é todo permeado de momentos oracionais. A comunidade faz reflexão e ora. Ela amadurece uma revelação e entra em oração. Ela analisa os fatos (Roma e sua história) e

explora no canto, no hino, na doxologia. Respirando bem ou arfando, a comunidade se define por ser uma Igreja consciente que haure sua vivacidade na oração. Ela ora porque “vê” o ressuscitado como Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (17,17).

Neste testemunho, deparamo-nos com uma comunidade orante. É como se fosse o ato de respirar numa longa subida: a todo o momento, a comunidade inspira o oxigênio da oração para completar a respiração no testemunho. Ela vai inspirando, orando, respirando, rezando...

Esta Igreja primitiva perseguida pela polícia do imperador Domiciano reza e reza mesmo. Mesmo sentindo na pele as dores da perseguição, ela ora com ardor. Cada hino do Apocalipse surge envolvendo toda a vida da Igreja. Um a um é reflexo da resistência dos atribulados. Para resistir às adversidades que Domiciano impunha era preciso ter um “pique” e clareza de fé muito grande. Muito sangue fora derramado (6,9; 13,10; 18,24). Muita gente fora presa e assassinada (FERREIRA, 1992, p. 58-59).

Assim como os cristãos do Apocalipse, no exílio, os judeus naturalmente se reuniam onde pudessem para orar e ouvir seus mestres e profetas (Ez 8,1; 14,1; 33,30s). Os últimos Salmos (19,7-14; 25; 51; 106) estão cheios de confissões humildes de pecados, com súplicas ardentes pela misericórdia e o perdão de Deus e um desejo ardente de pureza de coração diante de seus olhos, juntamente com (Sl 25; 37; 40; 123; 124) repetidas expressões de paciência na atribulação, de confiança inabalável na libertação por parte de Deus, de gratidão por suas misericórdias e benefícios (BRIGHT, 1978, p. 599).

O capítulo 10 é de extrema importância, mostra a superação da visão judaica. Para os judeus, no fim Deus separaria os bons dos maus, recompensaria uns e aniquilaria os outros. Mas o Apocalipse mostra que antes do fim há o tempo de misericórdia, anunciar o Evangelho para que as nações se convertam. A justiça de Deus é a misericórdia. Deus enviou seu Filho para salvar e dar a vida. É por isso que os discípulos devem “comer”, assimilar o Evangelho para testemunhar que Deus quer salvar o homem.

É exatamente a opinião de Dietrich (2008, p. 15-7), nascemos para sermos profetas em defesa da vida e, para continuarmos a sê-lo, precisamos andar sempre bem colados à realidade em que vive o nosso povo. Mas a profecia não é feita somente com a análise da realidade. Ela precisa da memória, precisa de valores, de projeto. Em Amós (Am 2,9-12), podemos ver o reavivamento da memória do processo de libertação que deu origem ao povo de Israel.

UMA COMUNIDADE MARTIRIZADA, DE RESISTÊNCIA: FÉ E TESTEMUNHO

Aqui se pode perceber que a comunhão, nascida do testemunho, abre-se ao serviço. O serviço é a expressão histórica do movimento do amor eterno, que a Palavra se insere nos corações dos homens e os estabelece ao mesmo tempo na companhia da fé (FORTE, 1991b, p. 61).

As armas do império para impor seu modelo são a força militar, a corrupção e a idolatria; em compensação, as armas dos cristãos são o testemunho da Palavra de Deus e de Jesus (Ap 12,2.8; 12,17; 19,10; 20,4). E que, as testemunhas a que se refere o Apocalipse são: Jesus a “testemunha fiel” (1,5; 3,14), os anjos (19,10; 22,16), o tabernáculo do céu (15,5) e de maneira especial os cristãos, inclusive João (1,2. 9; 6,9; 11,3.7; 12,11.17; 17,6; 19,10; 20,4; 22,18) (PALACIO, 2008, p. 129).

A palavra mártir vem do grego significa testemunha diante de um tribunal, mas, com o tempo, ganhou um sentido cristão. Afirma Orígenes (*apud* BESEN, 2005, p. 3): “O nome de mártir a comunidade cristã reservou para aqueles que deram testemunho da fé em Cristo derramando seu sangue”.

O mártir, sem a menor dúvida, é a mais alta identificação de Cristo que afirmou: “Bem-aventurados sois vós quando vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo tipo de mal contra vós por causa de mim. Grande será a vossa recompensa nos céus” (Mt 5,11-12).

As primeiras comunidades cristãs viam, nos irmãos que doavam a vida, um estímulo à perseverança. Seus túmulos se tornavam locais de oração e de veneração. Os mártires foram se tornando uma figura bem delineada e destacada da Igreja (BESEN, 2005, p. 3).

Estamos vendo no Apocalipse 10,10-11 Deus quer salvar todos os homens chamando-os à conversão. O livro de Daniel mostra-nos que a apocalíptica tinha também a função de prestar ajuda num momento de aflição. Como fora mostrado no capítulo I, na época dos distúrbios religiosos durante o reinado do rei sírio Antíoco IV Epífanes (175-163 a.C.). Quando após algum tempo, a maldade humana chegou ao cúmulo na ação desse rei, Deus provoca a grande reviravolta em que a justiça é restabelecida (Dn 11,21; 14,4). O destino dos que foram mortos ganham um sentido para o autor; serve de provação e purificação (Dn 11,35). Na apocalíptica desenvolvem-se imagens da ressurreição e do juízo final com a recompensa dos perseguidos e o castigo dos perseguidores, no qual os oprimidos podem também participar ativamente, e de uma situação momentaneamente diversa. O objetivo fundamental que justifica toda essa tentativa é de simplesmente não se conformar com a injustiça do mundo. Credo na justiça de Deus, tem-se a certeza de que a tribulação não pode ser a última palavra. Do lado cristão acolhe-se esse pensamento com a modificação decisiva: O Filho do Homem, Jesus, ocupa um lugar central. A atitude para com Jesus e seus mensageiros é que vai decidir o destino no tribunal do Filho do Homem. O fim será precedido por um tempo de confusão e perseguição, durante o qual importa permanecer fiel em Jesus (BAUMEISTER, 1983, p. 10).

Contudo, quanto à mensagem e à experiência que fundamenta a fé dos primeiros cristãos, o Novo Testamento não silencia a sua importância. Esta fé não é uma experiência particular de alguns entusiastas... Onde quer que houvesse testemunhas e comunidades dos primórdios do cristianismo e fossem quais fossem as diferenças da sua mensagem e da sua teologia, todos eram concordes na fé e na confissão para com o ressuscitado (BORNKAMM, 1976, p.168).

Pois bem, num contexto concreto como o da invasão (cultural, religiosa, política, econômica) helenísticas ou romana, os textos apocalípticos não alimentavam somente uma esperança futura para entorpecer seus adeptos mas também uma práxis de preservação da identidade contra a outra práxis alienante e devastadora. A consequência desta atitude era o martírio ou pelo menos a perseguição e a marginalização social (CROATTO, 1990, p. 13).

APOCALYPSE 10,10-11: THE SPIRIT OF PROPHECY IS THE TESTIMONY OF JESUS

Abstract: it is proposed in this paper work the prophecy in the book of Revelation, using interpretive methods in their textual analyzes. Investigates the pericope Ap 10.10 to 11 to show that the book wants to convey a message. You must prophesy and proclaim the Gospel to all, continue the witness of Jesus, even in time of persecution. Every Christian should prophesy, always! When

this happens, questioning the memory manifests itself in society, the prophet may be persecuted, tortured and killed.

Keywords: *Persecution. Martyrdom. Prophecy testimony.*

Nota

1 Não queremos dizer que o Montanismo seja o contexto do Apocalipse. Referimo-nos a ele por aproximações ideológicas.

Referências

- CARSON, D. A. et al. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Rondono. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*. Tradução de Ivo Storniolo e Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984. (Coleção grande comentário Bíblico).
- COMBLIN, J. *Jesus profeta*. In: GAMELEIRA Soares; Sebastião Armando; COMBLIN, José. et al. (Orgs.). *Profetas: ontem e hoje*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 41-58. (Estudos Bíblicos 4).
- CROATTO, J.S. Apocalíptica esperança dos pobres. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 7, p. 9-21, 1990/3.
- BAUMEISTER, T. *Mártires e perseguidos nos primórdios do cristianismo*. In: BOFF, L. et al. (Orgs.). *Martírio Hoje*. Tradução de Francisco de A. Pitombeira. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 5-12. (Concilium).
- BESEN, J. A. *Mártires: os testemunhas mais autênticos da fé cristã*. MISSÃO Jovem, Florianópolis, 3 de Jan./fev. 2005, p. 3.
- BORNKAMM, G. *Jesus de Nazaré*. Tradução de José os Santos Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BORTOLINI, J. *Como ler o Apocalipse: resistir e denunciar*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1994. (Série: Como Ler a Bíblia).
- DIETRICH, J. L. Realidade e memória: profecia, esperança e utopia. In: ____; FRIGERIO, Tea. *Utopia: sementes e caminhos*. São Leopoldo: CEBI; Contexto, 2008, p. 14-27. (Série A Palavra na Vida, n. 245)
- FERNÁNDEZ, D. G. Apocalipse 2 e 3 - comunidades proféticas, de resistência e martirizadas. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 59, p.106-118, 2008/1.
- FERREIRA, J. A. *É possível rezar em tempo de perseguição? A liturgia da vida no Apocalipse*. Estudos Bíblicos. Petrópolis, n. 35, p. 54-67, 1992.
- FORTE, B. *A Teologia como companhia, memória e profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1991. (Teologia Sistemática).
- LESBAUPIN, I. *A bem-aventurança da perseguição: a vida dos cristãos no Império Romano*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MALAVOTTI, H. *Das sete Igrejas do Apocalipse ao novo céu e à nova terra*. Estudos Bíblicos.

Petrópolis, n. 55, p. 94-108, 1997.

MOSCONI, L. *Profetas da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2000.

PALACIO, M. J. Agustín. *Comunidade em resistência, martírio e profecia à luz de Apocalipse 18,4-8*. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 59, p.119-132, 2008/1.

RICHARD, P. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____; IRARRÁZAVAL, D. *Religião e Política na América Central: para uma nova interpretação da religiosidade popular*. Tradução de Luiz João Galo. São Paulo: Paulinas, 1983. (Coleção tempo de libertação).

WENGST, K. *Pax Romana: pretensão e realidade: experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo*. Tradução de Antônio M. da Torre. São Paulo: Paulinas, 1991.